

A BIBLIOTECA DE BABEL EM VISITAÇÃO¹

Maria Sílvia Cintra MARTINS²

Sem me dar conta, estou dentro da Biblioteca e deixo-me atravessar por ela, por seus compêndios, hexágonos, labirintos. Estou diante de um livro que fala de livros e de leitores, fala de mim como de bibliotecários. Ou melhor: já não estou mais diante dele, estou dentro.

Como toda obra magistral, o próprio conto me fornece chaves para decifrá-lo. Fala-me de livros, que conduzem a livros, que conduzem a livros... Fala-me de um percurso retroativo infinito e infernal. Fala de suicídios.

Este labirinto chama-me à memória outros labirintos. *Côncavo e Convexo* de Escher. *O Castelo*. E até o 202, de Jacinto, na Cidade, e não nas Serras.

Sim, é como se eu estivesse muito perto do Castelo e este fosse sempre inacessível, mas eu insistisse em desvendar alguma verdade intrínseca. Então haveria paredes, muros, portas, corredores, calhamaços de papéis, alfarrábios, protocolos, protocolos, protocolos...

E as pessoas fariam muitas palavras, profeririam sons, ora inaudíveis, ora incompreensíveis, como se toda palavra se resumisse a uma tautologia.

De repente, todas as palavras poderiam ser outras, ou as mesmas. Tanto faz. Afinal, todo pensamento emite sempre um lance de dados, e um lance de dados – ah,

¹ Empreendo a leitura do conto “*A Biblioteca de Babel*”, do escritor argentino Jorge Luís Borges, e espero provocar suficientemente meu leitor para que vá ao conto em questão e faça também sua leitura. Entendo que a tradução seja o procedimento processual e dinâmico de que se serviu Borges para compor seu conto, e de que também nos servimos, à medida que o interligamos em nossa memória discursiva em busca de sentido. Já a intertextualidade pertence à ordem da descrição de produtos já acabados, e não dos processos.

² Professora associada do Departamento de Letras da UFSCar. Professora dos Programas de Pós-Graduação PPGL/UFSCar e TRADUSP. Líder do Grupo de Pesquisa “LEETRA – Linguagens em Tradução” (CNPq) e pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa “Letramento do Professor” (CNPq). E-mail: msilviam@ufscar.br

este! – jamais abolirá o acaso. Acaso ou infinito, Biblioteca ou pão, uma chance perdida ou um limite ao infinito.

Ele insiste em querer me convencer que a Biblioteca é infinita, mas está continuamente traçando-lhe limites. Vinte e cinco letras. Hexágonos. É o universo regido pela metalógica das forças ou das posições? O que é o contínuo espaciotemporal? Quem tem certeza de que está de fato entendendo o outro se, magicamente, cada palavra pode ser também o seu oposto?

E se eu estiver hereticamente pronunciando o nome inefável de Deus?

Só no atravessamento do meu corpo (crucifico-me?), é que poderei dizer que alguma palavra faz sentido. Eu sou o limite dentro de um jogo de possibilidades infinitas.

Mas se tudo é apenas possível, então nada é, por natureza, melhor do que nada. Apenas é - simplesmente. O próprio ser humano é apenas o resultado efêmero de um acaso dentro de um universo de possibilidades infinitas. Nada terá acontecido, exceto talvez uma constelação. O nada que é tudo, o tudo que é nada: o encontro supremo com a probabilidade.

Bachelard pergunta-se que poeta nos dará a metáfora que nos ajude a compreender essa nova linguagem, a imaginar a associação do espacial e do temporal. A nova Física busca palavras no vocabulário oriental que consigam dar conta dessa realidade complexa.

Um Lance de Dados oferece um emaranhado de palavras que podem ser lidas em várias direções e, como no caso da *Biblioteca*, que admite a definição correta de “*ubíquo e perdurável sistema de galerias hexagonais*”, mas é “*pão*”, ou “*pirâmide*”, ou qualquer outra coisa, também é possível ler o poema mallarmaico como essa metáfora que Bachelard procura.

O acontecimento acabou sendo cumprido, em vista de todo resultado nulo, humano: nas paragens do vazio em que toda realidade se dissolve – o atrito sucessivo sideralmente de um cálculo total em formação, até se deter em algum ponto último, sagrado.

Nem mais, nem menos: indiferente e proporcionalmente.

Da mesma maneira, a Biblioteca – que outros chamam de Universo: com seu número (talvez) infinito de galerias hexagonais de cada uma das quais se enxergam, para cima e para baixo, outros pisos, interminavelmente. Mas, a essa visão vertiginosa de uma seqüência infinda de galerias contrapõe-se uma ordem regular, uma distribuição

invariável e asfíxiante: um total de vinte prateleiras cobre quatro lados de cada galeria hexagonal (cada lado com cinco longas prateleiras). O teto é baixo, mal cabendo um bibliotecário normal. Um dos lados livres dá para um saguão estreito que desemboca em outra galeria, idêntica como todas as demais. Há luz artificial, insuficiente e incessante.

Composta de infindas e talvez infinitas galerias hexagonais, a Biblioteca é uma esfera, cujo centro cabal é qualquer hexágono (e sobre isso “*O Aleph*” terá algo a nos dizer). A circunferência, no entanto, é inacessível.

Cada uma das cinco prateleiras localizadas em uma das quatro paredes da galeria hexagonal contém trinta e dois livros; cada livro, quatrocentas e dez páginas; cada página, quarenta linhas; cada linha, cerca de oitenta letras negras.

Os dois axiomas que regem a Biblioteca dão-lhe a dimensão espaciotemporal, o ponto de encontro de uma conjunção suprema com a probabilidade, da dimensão humana do que é humano. Por um lado, a Biblioteca existe desde sempre e para sempre. É sua dimensão temporal e infinita. Por outro lado, comporta um número limitado de símbolos ortográficos, a saber: a vírgula, o ponto, o espaço e as vinte e duas letras do alfabeto. É sua dimensão espacial que, paradoxalmente, apesar do número preciso de símbolos envolvidos, explica o caráter informe e caótico de quase todos os livros. É que a escolha mesma dos símbolos faz parte do acaso e, com isso, é possível que os livros nada signifiquem.

Há um cálculo total em formação e é estatisticamente provável que a cada reaparição de uma sequência aparentemente a mesma – MCV - o valor de cada letra vá se alterando pela contiguidade com as demais, havendo um jogo de influências recíprocas que tornaria os termos sempre mais complexos. Mas é possível, também – tese universalmente aceita, embora, ironicamente, não em seu sentido original – que os símbolos sejam todos criptográficos, exigindo, assim, rituais de iniciação.

De toda maneira, é certo que não há dois livros idênticos e cada um deles representa uma combinação possível dos vinte e tantos símbolos ortográficos.

Dentro dos preceitos também comuns à Física Quântica, o possível é homogêneo ao ser: basta que um livro seja possível para que exista.

A desordem é apenas aparente e pode desesperar os ignorantes, pois, como a Biblioteca é total, é também auto-remissiva, auto-explicativa. Todas as combinações já se encontram previstas pela *divina Biblioteca* e, nesse sentido, não pode haver disparate absoluto. Por isso tudo, falar é incorrer em tautologias, pois, embora não haja nenhum

livro idêntico, todos estão previstos, existem virtualmente e/ou já foram parcialmente realizados.

A Biblioteca é infinita, mas não ilimitada. Ou melhor: a Biblioteca é ilimitada e periódica, pois aquele que a percorresse em qualquer direção veria que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem – o que resulta, afinal, numa ordem. *Diferença e Repetição*, o eterno retorno: a reprodução e a reafirmação do próprio acaso. Essa esperança elegante, de uma ordem na desordem, traz algum consolo – até alegria – diante da outra idéia, fantasmagórica, de que tudo já estivesse definitivamente escrito, estabelecido de antemão.

Aproveito-me da ausência do Bibliotecário-mor – que parece estar ocupando, momentaneamente, um dos dois cubículos localizados no saguão – para enveredar por uma das escadas que partem dali. Encontro galerias inteiras em completo abandono. Estão cobertas de uma fuligem antiga e estranho azinhavre acumula-se nos livros, mas não há nada – como grade ou ferrolhos – que impeça o acesso a elas. Estão apenas vazias, cheias de livros, mas sem ninguém que os queira ler. Curiosa como sou, passo os dedos nos volumes empoeirados, à procura de conhecer alguns títulos. No meio deles, está um certo “*Curso de Lingüística Geral*”, com seu conceito de arbitrariedade do signo lingüístico. Arbitrário, casual, apenas provável. Trêmula, deixo-o abrir-se em alguma página, ao acaso, e leio: “...*desse ponto de vista, de que pouco cuidam os lingüistas: a limitação do arbitrário.*” *Diferença e Repetição*...

Rapidamente, devolvo-o a seu lugar sagrado e volto-me com a sensação de que estou sendo seguida. Olho pelo vão da escada em espiral e sou tomada de profunda vertigem. Agarro-me aos parapeitos, enquanto tudo gira a meu redor. Eis que vislumbro a portinhola no andar de baixo. Agora está aberta. Então, Borges já saiu e deve ter seguido para outro lado.

Suas palavras continuam a ecoar pelos labirintos de meu tão pequeno cérebro. Terá sido apenas um acaso? Mas é muita coincidência aquele livro qualquer no meio de uma estante empoeirada falar em “*limitação do arbitrário*”, quando Borges acabara de tentar me convencer do que chamava sua esperança elegante: a ordem na desordem. Estarei ficando maluca?

Cuidadosamente, desempoeiro as galerias – também hexagonais? – de meu pequeno cérebro, para que, ao menos ali, o ar circule e as palavras possam se encontrar e se desencontrar, cruzar-se livremente. Derrubo barreiras e abro todas as fronteiras que insistem em querer separar as partes do meu corpo. Que as palavras o invadam e

circulem livremente por todas as minhas artérias e que eu possa, enfim, pronunciá-las, livres e nítidas, sem medos nem jargões, modismos ocasionais.

Que se derrubem, também, as barreiras que separam as disciplinas, dentro e fora de meu cérebro. Afinal, o que são os fractais? Em que sentido a Física recente aproxima-se da milenar sabedoria oriental? Qual é o limite entre o matemático e o esotérico? O que é limite?

Jacinto também concluiu, afinal, assim como a Letizia citada por Borges em sua nota (as notas, aliás, são pistas ou despistes?), que lhe bastava um só livro, as “*Geórgicas*”, de Virgílio. E a Filosofia oriental fala que toda a verdade pode ser encontrada nas pétalas de uma flor – mas, neste caso, não são necessários livros: a verdade dá-se, como revelação.

Talvez por isso a Biblioteca – toda biblioteca – nos dê essa sensação de vertigem, porque somos continuamente impelidos para fora de seu centro, o que também é sermos jogados para fora de nós mesmos, daquele mais íntimo que é nosso: sem máscaras, ou transfigurações.

Como referenciar este artigo:

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. A Biblioteca de Babel em visitação. revista *Linguasagem*, São Carlos, v.38, jan./jun. 2021, p. 181-185.